

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de Paraná Class.: 17

Data: 13/11/88 Pg.: _____

190

ORLANDO DASILVA

O VÔO DOS URUBU-KAAPOR

Raramente é facultado ao homem civilizado mergulhar num clima de amor místico como agora com o álbum de músicas dos índios Kaapor. "Cantos e pássaros não morrem", empreendimento do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É a especialização do homem culto, dono do conhecimento técnico, servindo à pureza do sentimento sem interferências maiores que perturbem o transmitir direto da criação sem artifícios. Nestes dois discos ouvimos a rude flauta de bambu em solo, o canto a uma voz ou em dupla. Tudo sem diploma de conservatórios, o instrumento e a voz humana atingindo-me fundo, em linha direta, singela, em língua que não entendo, sem saber da imagem, mas integrado, enraizado nestes sentimentos cujo contato comum é a terra, mãe do amor entre todos os animais. Todos eles, os do ar, os da terra, os da água. Parece que são os do ar que fascinam mais os Urubu-Kaapor, talvez por sua liberdade e canto. O amor interligando os animais com seus cantos distintos, o homem dentro do sistema, não brigando com ele.

A comunhão entre todos os homens, donos de riquezas ou senhores da natureza. A arte sem ornamentos ligando-se à civilização da técnica e se comunicando sem falhas, plenamente. — Numa análise d' "A música dos Urubu-Kaapor" escreve o prof. Achille Picchi: "... uma tendência mais individualizada de processar o pensamento musical, quase um caráter de apropriação set/criação". É a tribo ouvindo o indivíduo, o coletivo respeitando o singular.

Este trabalho é um ecossistema de ternura humana, levantando com profundidade científica mas sem perder o misticismo do amor, pelo sr. Etienne Samain, professor da UNICAMP, teólogo e antropólogo belga, no Brasil desde 1973. Este homem culto andou trocando ternura e conhecimentos com as tribos indígenas Kamayurá e Urubu-Kaapor, destes últimos estuda a sua mitologia. Dele é a coordenação do projeto, registro de campo, fotografias, dois textos, versão francesa e — acrescentando eu amor, muito amor.

De Etienne são os mapas de duas das dezessete aldeias Gurupiúna, a velha e a nova, onde foram feitas as gravações contidas nos discos. De seus textos ficamos sabendo que os Urubu-Kaapor: "receberam dos brancos, que suspeitavam que eles comessem "carne podre", o apelido de "Urubu". Eram melhor conhecidos, antigamente, pelos seus melhores rivais como os "comedores de bosta de cachorro". — O caso é que tinham o costume de torrar o excremento desse animal, tornando-o em pó e, em chá, dar esta infusão a doentes de males incuráveis. Notemos que, para o prof. Etienne, os Kaapor têm rivais, não inimigos. Com que amor fala dos artistas, cantores e músicos: "É, nesta dupla aldeia, que vivem hoje Pimenta (o chefe), Tayiquim e Perexi (mulheres), Satoni, Renaxi, Peri, Pié, Aragão, Méné, Tanuru, Tapiã, Nelson (homens), todos intérpretes dessas cantigas e desses cantos que não morrem." — Nestes discos a ciência serve à "ternura da convivência" entre o que o homem civilizado foi e o que é agora, envolvido por massificante informação e publicidade que não lhe deixa ver o seu umbigo.

Com o texto, fotos e música, viajamos com estes "seres voadores" e muito amor humano, numa aventura fascinante de regresso à natureza que merece nosso respeito e a qual nos temos de submeter com a humildade de quem faz parte dela.

Pelas fotografias participamos de um



funeral e uma linha de evocação paralela, lembranças do conhecimento cultural, toma conta de mim. Confronto o ritual funerário dos Egípcios e o dos Urubu-Kaapor. No primeiro encontramos o luxo, a pompa, a compra da vida futura pela riqueza, a conservação do corpo e o escondê-lo dentro de vários ataúdes, e ainda com um monumento arquitetônico por cima. E foi justamente pelos tesouros escondidos que estes refúgios dos corpos mumificados foram continuamente assaltados, por cobiça aos valores ocultos e em nome do conhecimento histórico e artístico. Os restos do corpo preservado da putrefação são agora mostrados ao público como curiosidade. O legado positivo que herdamos foi a arte que fazia parte do mundo do morto, que, até depois de deixar a vida, continuava convivendo com a matéria. Agora vejamos o ritual de enterro dos Urubu-Kaapor numa série de fotos mostrando Xiãtã, mestre na plumária Kaapor, sepultando sua esposa Irakiiraa. Uma cova é feita e atravessada por um pau comprido que sustenta a rede com o corpo, este não pode tocar a terra. O túmulo é coberto por inúmeros paus, folhas de palmeira e terra. Os pertences da morta a acompanham, num ritual despojado de pompas mas não de significados. Nada deixa; em breve seu corpo fará parte íntima da natureza.

Os vivos ficam esperando pois: "O além da abóbada celeste permanece para eles pouco explorado. O aquém da crosta terrestre, ao contrário dá acesso, através de um fininho buraco de formigas, em forma de funil, que vai se abrindo, a uma vasta mata, outro mundo onde moram animais ferozes, dignos dos Kaapor, bem como a parte que "não estraga" de seus mortos."

Está de parabéns a UNICAMP pela realização deste empreendimento, seu trabalho já me sensibilizou anteriormente com o bom desempenho da "I Bienal Internacional de Gravura — 87", projeto e cura-

doria de Paulo Cheida Sans. Que continue assim caminhando nessa direção, o homem está necessitando de arte, pois só através da sensibilidade a humanidade continuará no âmbito da natureza e se salvará.